

**Veículo:** *Valor Econômico*

**Data:** 01/07/2008

**Autora:** Maria Cristina Fernandes

## **Como as paradas gays superaram o 1º de Maio**

“Isso é falar em corda em casa de enforcado”. Mediadora do debate, a professora da USP, Maria Hermínia Tavares de Almeida reagiu à observação da economista Helga Hoffman sobre a classe média em mudança: “As transformações da classe média não se dão pelo fato de que hoje há mais competição pelos recursos do Estado? Com mais dinheiro indo para os programas sociais, sobrou menos para a classe média. Basta olhar a discussão em torno da Previdência, onde 50% dos recursos vão para 10% dos aposentados”.

A platéia, majoritariamente acadêmica e de muitos professores aposentados, riu. Debatia-se ali as transformações da classe média num debate que marcou o lançamento da Plataforma Democrática, iniciativa destinada a debater o futuro da democracia na América Latina, que reúne o Instituto Fernando Henrique Cardoso, o Centro Edelstein de Pesquisas Sociais e a Fundación Democracia y Desarrollo, do ex-presidente do Chile, Ricardo Lagos.

O presidente Fernando Henrique Cardoso, que faria a abertura do encontro, passou rapidamente pelo seminário no fim da manhã e, abatido, cumprimentou os participantes que lotaram a sala de conferências do instituto que leva seu nome, no centro de São Paulo. Hoje completam-se sete dias da morte de sua mulher, Ruth Cardoso.

Na mesa que deu início ao debate, o sociólogo Bernardo Sorj, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, polemizou com a platéia ao dizer que os sindicatos, partidos e ideologias políticas haviam cedido espaço para organizações que não se legitimam pelo número de filiados mas pela “força moral ou conhecimento técnico”. São utopias ditas supra-nacionais, como os direitos humanos, de minorias raciais e sexuais e a defesa do meio-ambiente. “Nas maiores cidades do mundo, o evento de maior mobilização social

não é mais o 1º de Maio, mas a Parada Gay”, exemplificou o sociólogo que lançou, no seminário, o livro *O Desafio Latino-Americano: Coesão Social e Democracia*, em parceria com o sociólogo Danilo Martuccelli.

O deputado federal Paulo Renato Souza (PSDB-SP), ex-ministro da Educação e comentarista da mesa, disse que os sindicatos perderam filiados, mas não o poder de mobilização no Congresso Nacional para vetar projetos que contrariem seus interesses e encaminhar sua agenda.

Gilberto Dupas, do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI), demonstrou ceticismo com a democracia que decorre do enfraquecimento de partidos e movimentos sociais tradicionais. “É mito a idéia de que a economia é racional e a política é o locus por excelência do tráfico de interesses. Uma fila de eleitores que espera sua hora para votar está muito mais distante de seus representantes do que o grande empresário e sua agenda de telefones dos ministros da República”.

Sorj e Dupas ainda debateram a crise da tecnocracia advinda com o fim dos governos Fernando Henrique Cardoso e Ricardo Lagos. “O reformismo tecnocrático entrou em crise. (O presidente Luiz Inácio) Lula (da Silva) conseguiu ir além do reformismo tecnocrático - um Lula que não é mais o Lula e um PT que não é o mais o PT - e sinalizar uma utopia. E quando ele sair, o que vai ser?”. Dupas reiterou os males da tecnocracia: “Deve se dar a palavra aos especialistas, mas não há razão para lhes dar mais poder”.

Na página 265 de seu livro, Sorj vai além: “O reformismo-tecnocrático, em parte por uma compreensível reação ao velho nacionalismo e estatismo, empobreceu o discurso político e foi em geral insensível à dimensão da construção de um projeto nacional. Ao restringir a política ao desenvolvimento de políticas públicas e à administração eficaz dos recursos, esse modelo abandonou a problemática da nação e dos valores a ela associados, aspectos que são, no entanto, fundamentais inclusive para formar funcionários públicos identificados e comprometidos com o bem comum”.

Sorj ainda lançou um alerta contra o que chamou de 'profundo mal-estar da classe média', provocado, em grande parte, pela exacerbação do individualismo crônico de uma sociedade latino-americana com atrofia histórica do Estado: “As classes médias são as

grandes desestabilizadoras da democracia no continente”. E exemplificou com a crescente mobilização da classe média argentina contra o governo de Cristina Kirchner.

Ante o debate que se seguiu sobre o conceito de classe média, Sorj definiu-a como o segmento da sociedade que paga impostos e não vê o retorno do Estado em seu benefício. Dupas argumentou que, no Brasil, esse segmento tem sofrido transformações com ascensão de significativo contingente de baixa renda e o empobrecimento de setores profissionalizados, como os professores: “O forte processo de desconcentração de renda por que tem passado o país é positivo, mas será duradouro? A classe política, que tem dado contínuos pretextos para sua deslegitimação, será capaz de aumentar sua credibilidade?”.